



HAL
open science

PERFORMANCE, TESTEMUNHO E SUAS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

Marta Haas

► **To cite this version:**

Marta Haas. PERFORMANCE, TESTEMUNHO E SUAS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO. 8º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação /5º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação, PPGEDU-ULBRA e PPGEDU-UFRGS, Jun 2019, Canoas, Brazil. pp.1-8. hal-04358112

HAL Id: hal-04358112

<https://hal.parisnanterre.fr/hal-04358112v1>

Submitted on 21 Dec 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



PERFORMANCE, TESTEMUNHO E SUAS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO¹

Marta Haas²
PPGEDU – UFRGS

Este texto apresenta produções iniciais de dados para a pesquisa de doutorado em andamento vinculada à linha de pesquisa *Arte, Linguagem e Currículo*, junto ao *GETEPE - Grupo de estudos em educação, teatro e performance*. Possui como tema a performance e o testemunho na educação escolarizada. Busca investigar como a performance pode transmitir a memória traumática relacionada à violência de estado do período da ditadura militar. Para tanto, são tecidas relações entre performance e testemunho na escola. Segundo Diana Taylor, pesquisadora dos Estudos da Performance, “as performances funcionam como atos de transferência vitais, transmitindo o conhecimento, a memória e um sentido de identidade social por meio do que Richard Schechner denomina ‘comportamento reiterado’” (TAYLOR, 2013, p. 27). Essa ideia, de que a performance funciona como um ato de transferência, que transmite conhecimento e memória por meio da repetição de comportamento é um pressuposto para entendermos como a performance, na sua relação com o testemunho de um evento traumático, pode tornar a experiência de dor em algo coletivo, em algo partilhado por toda a sociedade. Isso é premissa para lidarmos com os traumas do nosso passado e pensarmos em um futuro que não repita os mesmos erros.

Nessa pesquisa, pretendo trabalhar com testemunhos de pessoas que foram vítimas da violência de estado em turmas de ensino médio da rede pública. O testemunho de pessoas que foram encarceradas arbitrariamente, tiveram seus direitos civis cassados, foram torturadas e exiladas será o ponto de partida das experiências geradas nas escolas. Por meio de oficinas, realizaremos – os estudantes e eu – ações performáticas que abordem a violência de estado. Essas experiências darão suporte para analisar os efeitos do testemunho de memórias traumáticas em jovens que não vivenciaram uma ditadura, o alcance de sua transmissão e quão

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Bolsista CAPES.



transformador pode ser performar os efeitos dessa violência no momento presente. Isso também permitirá discutir com alunos e professores quais são os resquícios da violência de estado de ontem no momento presente.

Parto do pressuposto de que a performance pode ser uma forma de transmissão de conhecimento e memória. Pode ser, inclusive, uma forma de transmitir a memória traumática com relação ao período do regime militar, no qual diversas pessoas foram vítimas da violência e do terrorismo de estado. Dessa forma, pretendo questionar o modo como o testemunho e a performance pode transmitir a memória traumática no contexto da educação escolarizada. Ao entrecruzar o testemunho de pessoas que foram vítimas dessa violência com a realização de ações performáticas – criadas coletivamente por meio de oficinas com estudantes e professores de ensino médio da rede pública – buscaremos atualizar o debate sobre a memória: como a performance pode ampliar e coletivizar a experiência do testemunho, transmitir conhecimento e trazer um sentido de responsabilidade coletiva? Uma vez que a ação performática será criada coletivamente e pressupõe o engajamento corporal de todos os envolvidos, quais serão as consequências desse aprendizado para jovens que não viveram a experiência de uma ditadura?

Faço parte da Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz desde 2001 e nesse grupo trabalhamos sistematicamente com a questão da memória relacionada ao período da ditadura civil-militar. Realizamos espetáculos, ações cênicas de rua, seminários e participamos de manifestações relacionadas aos direitos humanos, por memória, verdade e justiça. Nos últimos anos, realizamos algumas performances e intervenções que abordam diretamente o tema da memória e violência de estado, buscando sempre dialogar com outros movimentos sociais. Também ministrei uma oficina teatral que abordava o tema da memória e da violência de estado e que gerou uma intervenção cênica para a rua.

A partir de 2015 comecei a me envolver com o Clínicas do Testemunho³, um projeto realizado desde 2012 por instituições da sociedade civil, via editais públicos, para a fomentar a implantação de núcleos de apoio, atenção e reparação psíquica aos afetados pela violência de Estado da ditadura. Em 2010 o Brasil foi julgado e condenado na Corte Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) no *Caso Gomes Lund e outros (Guerrilha do Araguaia) vs. Brasil*. A CIDH examinou pela primeira vez um caso de graves violações de Direitos Humanos

³ Página sobre o projeto ainda mantida no site do Ministério da Justiça, embora tenha sido descontinuado pelo governo de Michel Temer: <http://www.justica.gov.br/seus-direitos/anistia/clinicas-do-testemunho-1>



praticadas no Brasil durante o regime militar e decidiu que a interpretação conferida à Lei de Anistia de 1979 – que impede a investigação, julgamento e sanção dos responsáveis por tais violações – é incompatível com as obrigações assumidas pelo Brasil ao vincular-se à Convenção Interamericana sobre Direitos Humanos. Ainda em sua sentença, a Corte determina que o Brasil cumpra com o dever de reparação integral, lançando mão de uma política de reparação psíquica aos afetados pela violência ditatorial.

Em 2011 foi criada a Comissão Nacional da Verdade (CNV) e a lei de acesso e transparência aos arquivos públicos. Ambas foram fundamentais para a retomada da responsabilidade de investigações pelo Estado. A dimensão do direito à verdade é assim contemplada através da constituição de um relatório oficial do Estado brasileiro sobre os crimes cometidos durante a ditadura civil-militar brasileira. O Relatório da CNV é publicado em 2015 e traz 29 recomendações, que ressaltam dentre elas a manutenção da política de reparação psíquica aos afetados. É neste marco que surge o projeto Clínicas do Testemunho, realizado através de edital público em 2012, para instituições da sociedade civil, com vistas a fomentar a implantação de núcleos de apoio, atenção e reparação psíquica aos afetados pela violência de Estado da ditadura.

No Clínicas do Testemunho de Porto Alegre participei de uma capacitação em 2015 e de um ciclo de estudos em 2017. Este foi o último ano projeto, marcado pelo desmonte, por parte do Governo Federal, da Comissão de Anistia e dos projetos que ela vinha desenvolvendo. Partiu dos beneficiários, então, a vontade de deixar um registro sobre a experiência vivenciada. Trabalhei no registro audiovisual⁴ de diversos testemunhos dos beneficiários e dos profissionais da psicologia envolvidos.

Um desses testemunhos foi registrado no Colégio Estadual Costa e Silva, onde Nilce Azevedo Cardoso – militante da AP (*Ação Popular*), brutalmente torturada no DOPS, ex-presa política – trabalhou após sair do cárcere e no qual recentemente realizou um trabalho junto a uma professora de história. Devido ao nome do colégio, que homenageia um dos ditadores brasileiros, a escola vem realizando projetos que promovem o debate e a reflexão sobre a ditadura. Nilce testemunhou sua história para os alunos e eles também foram buscar outras referências para realizar o trabalho proposto pela professora de história. Essa experiência – que gerou um pequeno livrinho entregue na ocasião em que estávamos registrando o depoimento

⁴ Um *teaser* desse registro pode ser visto em: <https://youtu.be/CxSbIsR6zjg>



de Nilce – me fez pensar que trabalhar o testemunho em sua relação com a performance com estudantes de ensino médio poderia ser ainda mais potente e transformador, uma vez que a performance implica o engajamento do corpo na realização de algo construído coletivamente.

Outro testemunho, dessa vez de Paulo de Tarso Carneiro – ex-estudante do Julinho, militante da *VPR (Vanguarda Popular Revolucionária)*, que esteve preso na Ilha do Presídio – revelou o quanto os próprios estudantes buscam conhecer de forma mais engajada relatos sobre o passado. Paulo contou que durante o movimento de ocupação das escolas foi convidado pelos estudantes do Colégio Júlio de Castilhos a fazer um testemunho sobre a resistência à ditadura. Recentemente descobri que os alunos desse colégio mantêm o blog *Direitos Humanos, Movimento Estudantil no Julinho e Comissão da Verdade*⁵, no qual podemos encontrar bastante material sobre o movimento estudantil no Julinho, que foi protagonista em Porto Alegre na resistência à ditadura.

A primeira etapa da pesquisa se iniciou com uma revisão bibliográfica sobre os temas abordados, a partir da apropriação de conceitos dos Estudos da Performance, bem como dos conceitos de testemunho, trauma, memória e responsabilidade coletiva e individual. Para aprofundar os Estudos da Performance utilizo autores como Diana Taylor (*Performance e O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*) e Richard Schechner (*Performance e Antropologia de Richard Schechner e Performance Studies: An Introduction*). Sobre a relação entre performance e educação utilizo algumas pesquisas já realizadas e em andamento no *GETEPE*, que demonstram a potência de trabalhar a performance com estudantes na educação escolarizada. Mônica Torres Bonatto, sob orientação de Gilberto Icle, em sua tese de doutorado intitulada *Professor-performer, estudante-performer: notas para pensar a escola*, realizou uma pesquisa bibliográfica sobre as diferentes acepções da performance e suas possibilidades para pensar o campo da educação. A pesquisadora propõe pensar o professor e o estudante como performers, assim como pensar a escola como entre-lugar, um espaço liminar, no qual acontece o processo coletivo de ensino-criação. Essas noções permitem rever as hierarquias estabelecidas no sistema educacional, restabelecer o lugar do corpo na aprendizagem e repensar os papéis desempenhados por professores e estudantes. A proposta é que ambos sejam sujeitos de um trabalho colaborativo.

⁵ <http://julinhonaditadura.blogspot.com/>



Outras publicações têm sido dedicadas à relação entre performance e educação. Gilberto Icle, em 2010, organizou um primeiro dossiê sobre *Performance, Performatividade e Educação* na *Revista Educação & Realidade* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 2013 foi publicado o livro *Performance e Educação: [des]territorializações pedagógicas*, com organização de Marcelo de Andrade Pereira. Em 2017 foi publicado o dossiê *Performance e Escola* no *Caderno CEDES* de Campinas com organização de Gilberto Icle, Mônica Torres Bonatto e Marcelo de Andrade Pereira. Em 2018 foi publicado o dossiê *Teatralidade, Performance e Educação* na *Educar em Revista* da Universidade Federal do Paraná, organizado por Jean Carlos Gonçalves e Marcelo de Andrade Pereira.

Cabe ressaltar que a noção de performance utilizada na pesquisa abrange não apenas a performance como uma linguagem artística, mas também constitui uma lente metodológica que permitirá analisar toda a experiência nos colégios *como* performance. Todos esses estudos evidenciam o quanto a performance pode ser transformadora em sala de aula, não apenas como prática artística a ser ensinada, mas como ferramenta de análise. Dessa forma, podemos compreender a escola, o comportamento cotidiano e o papel desempenhado por professores e estudantes como performance. Pensar a escola em suas possibilidades de performatividade nos permite perceber os mecanismos que levam a determinada construção social da escola.

Para apropriar-me dos conceitos de testemunho, trauma e memória, utilizo as publicações do projeto Clínicas do Testemunho (*Por que uma Clínica do Testemunho?* e *Clínicas do Testemunho nas margens*), o livro-testemunho de Primo Levi (*É isto um homem?*), além de importantes estudos teóricos como o de Giorgio Agamben (*O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*), Beatriz Sarlo (*Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*) e de Elisabeth Jelin (*Los trabajos de la memoria* e *La lucha por el pasado: cómo construimos la memoria social*). Para aprofundar a noção de responsabilidade – individual e política/coletiva – nos baseamos no livro de Hannah Arendt intitulado *Responsabilidade e julgamento*.

Nessa pesquisa, portanto, pretendo estabelecer relações entre o potencial transformador que a performance pode ter na sua interface com a educação e o testemunho sobre a violência de estado. Parto do pressuposto de que a performance é um ato de transferência, assim como o testemunho. No testemunho a transmissão da memória traumática da vítima para a testemunha inclui o ato, compartilhado e participativo, de contar e ouvir, que se associa com a performance



ao vivo. Segundo Diana Taylor, dar testemunho é um processo ao vivo, um fazer, um evento que acontece em tempo real, na presença de um ouvinte que passa a ser “um participante e coproprietário do acontecimento traumático” (2013, p. 235).

Taylor ainda complementa que o trauma narrado no testemunho, assim como a performance, caracteriza-se pela natureza de suas repetições. Ambos se fazem sentir afetiva e visceralmente no presente e estão sempre *in situ*. Cada um intervém no corpo individual/político/social em um momento particular e reflete tensões específicas. Porém, o foco individual dos estudos do trauma e do testemunho “claramente se sobrepõe ao foco mais público e coletivo dos estudos da performance” (TAYLOR, 2013, p. 235).

Esse aspecto mais público e coletivo da performance é o que pretendo ressaltar ao criar ações performáticas com estudantes e professores de ensino médio. Para abordar o aspecto público e coletivo das artes performáticas, podemos traçar paralelos com a pesquisa de Graça dos Santos sobre o teatro português no período salazarista. No artigo *Teatro possível e impossível durante o Salazarismo* (2001), a autora identifica alguns traços do estilo ou estética salazarista no período do Estado Novo. Dentre alguns aspectos, é evidenciada a importância dada ao espectador pelos serviços de censura. Uma vez que a vivência teatral pressupõe uma experiência que se quer coletiva e partilhada – na qual o público pode encarar-se, sentir-se, ouvir-se – não é por acaso que o sistema de vigilância desse regime quis esvaziar o teatro com diversões digestivas e ao mesmo tempo isolar os indivíduos. Dos Santos ressalta que a dissidência em relação ao poder hegemônico só foi possível, na década de sessenta, quando jovens atores portugueses se impregnaram de novas práticas centradas na presença, no corpo vivo, no contato real entre ator e espectador.

Como tornar um trauma vivenciado de forma privada e individual em algo que diz respeito a todos? O aspecto coletivo da performance e sua centralidade no corpo vivo pode contribuir nessa direção. A performance, inclusive, pode transmitir a memória traumática não apenas de uma geração à outra, mas também de um contexto político ditatorial para quem não teve essa experiência. Esses atos de transferência se mostram vitais para a compreensão do atual momento em que vivemos e para nos questionarmos que resquícios dessa violência permanecem em nossa frágil democracia. Cabe a todos nós nos responsabilizarmos pelo atual estado de coisas e os jovens estudantes certamente têm muito a contribuir nesse sentido.



REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.
- ARENDDT, Hannah. **Responsabilidade e julgamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CABALLERO, Ileana Diéguez. **Cenários liminares: teatralidades, performances e política**. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- BONATTO, Mônica Torres. **Professor-performer, estudante-performer: notas para pensar a escola**. 2015. 125 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- CLÍNICAS DO TESTEMUNHO RS E SC. **Por que uma Clínica do Testemunho?** Porto Alegre: Instituto APPOA, 2018.
- JELIN, Elisabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2002.
- JELIN, Elisabeth. **La lucha por el pasado: cómo construimos la memoria social**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017.
- ICLE, Gilberto.; BONATTO, Mônica Torres; PEREIRA, Marcelo de Andrade. Performance e Escola. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 37, n. 101, p. 1-4, abr. 2017.
- ICLE, Gilberto. Para apresentar a Performance à Educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre: UFRGS, v. 35, n. 2, p. 11-22, maio/ago. 2010.
- LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LIGIÉRO, Zeca (Org). **Performance e Antropologia de Richard Schechner**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- PEREIRA, Marcelo de Andrade (Org.). **Performance e Educação: [des]territorializações pedagógicas**. Santa Maria: UFSM, 2013.
- SANTOS, Graça dos. Teatro possível e impossível durante o salazarismo. **Estudos do século XX: Estéticas do século**, Coimbra, nº 1, p. 99-115, 2001.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SCHECHNER, Richard. **Performance Studies: An Introduction**. New York: Routledge, 2013.
- TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- TAYLOR, Diana. **Performance**. Buenos Aires: Asunto Impreso, 2012.



TURRIANI, Anna (Coord.). **Clínicas do Testemunho nas margens**. São Paulo: ISER, 2017.